

Inflação silencia deputados governistas

TEREZA CARDOSO/AE

Oito meses depois de anunciar que tinha apenas uma bala na agulha para destruir o tigre inflacionário, o governo admite que a inflação pode chegar a 19% em dezembro e coloca o Poder Legislativo em estado de perplexidade. Nem parlamentares tradicionalmente defensores do governo conseguem fazer discursos otimistas. Ao tentar defender a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, dos ataques do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, esta semana, o deputado Nilson Gibson (PMDB-PE), terminou silenciando sobre a política econômica. Foi o deputado e economista Cesar Maia (PDT-RJ) quem terminou pedindo um aparte para reduzir o pessimismo do plenário. Mal o pedetista terminou de falar, deputados governistas o cercaram para saber se ele acreditava no que dizia.

“É o pessimismo associado à indexação informal de preços que tem empurrado para cima a inflação. O governo está perdendo o controle da conjuntura e esquece que a questão é, acima de tudo, política”, disse Maia ao deixar o plenário. A cem metros dali, o senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA) manifestava numa roda no plenário do Senado preocupações semelhantes: “O presidente Collor disse que tinha uma só bala na agulha. Ele atirou, não acertou o tigre e agora está dando facada para todo lado, principalmente nos descamisados”. Jutahy lembrava que, quando lançaram um rigoroso programa de ajuste da economia no governo Castello Branco, os ministros Roberto Campos e Octávio Gouveia de Bulhões reduziram a inflação a 18% ao ano, sem confiscar o dinheiro de ninguém.

Erro fatal

Tão intrigado quanto ele, o deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ) lembra que deixou o governo Sarney com uma inflação de 14% ao mês e que foi um índice de 16,4% mensal que levou Dilson Funaro a adotar o Plano Cruzado. Descrente de tudo, desde o processo de privatização de estatais à política de abertura da economia ao capital estrangeiro, Dornelles lastima que a ministra Zélia cometa um erro fatal, que ele admite ter cometido quando era ministro: “Achar que ninguém mais, só os economistas do governo, são competentes”. Dornelles conta que, para ele e sua equipe de economistas, todo empresário era um ambicioso; todo sindicalista, um irresponsável; e todo político, um fisiológico. Conforme o deputado, é assim que pensam Zélia e seu grupo.

Ele acha que a equipe econômica do governo só tem hoje o apoio do presidente Collor, “e

assim mesmo essa equipe significa um peso nas costas do presidente”. Com um entendimento parecido, apesar de opositorista, o senador Nelson Wedekin (PMDB-SC) diz que “se o presidente da República fosse menos arrogante, substituiria a ministra da Economia, porque nessa política de combate à inflação quem está pagando a conta são as mesmas pessoas que pagavam a inflação alta”. Wedekin está convencido de que todas as armas clássicas de combate à inflação foram detonadas enquanto o Brasil se exhibe para o resto do mundo como o país que paga o menor salário mínimo da América do Sul. Se o presidente só tinha uma bala no revólver, está evidente agora que ele errou o tiro. Está claro que corremos no momento o risco de uma convulsão social. O povo não tem mais nada a perder”, afirma o senador.

Monólogo do Executivo

Saber o que o Poder Legislativo pode fazer para reverter as expectativas de uma sociedade abalada pelo pessimismo é uma questão que ninguém responde. “A sociedade não pode esperar nada nem desse Congresso nem do que se instalará no dia 1º de fevereiro. Não podemos fazer milagres enquanto persistir o presidencialismo e a edição de medidas provisórias, que são o principal instrumento para o cometimento de erros”, diz o senador Cid Sabóia de Carvalho (PMDB-CE).

Ele está convencido de que, nessas eleições, a sociedade está mandando para o Legislativo uma representação que constituirá um autêntico círculo vicioso. “O povo elegeu empresários para mais de um terço da composição da Câmara. Esses empresários são os que lucram com a ciranda financeira. Cabe a esses empresários acabar com a ciranda financeira para derrubar a inflação. É evidente, portanto, que a inflação vai continuar alta”, raciocina.

“Já estamos entrando na depressão. Toda a incerteza gerada pela equipe econômica do governo está contagiando os empresários e elevando os preços”, costuma dizer o deputado César Maia, acrescentando que, do ponto de vista econômico, o governo acerta, mas do ponto de vista político é uma calamidade. Ele acredita, contudo, que ainda há espaço para otimismo: “É possível reverter o quadro de desespero, desde que se acabe com o antagonismo entre governo e Legislativo”. Para o deputado Nelson Jobim (PMDB-RS), tão grave quanto a crise econômica é o divórcio do Executivo com o Congresso. “Há uma imensa dificuldade no Congresso de se pensar o País. Hoje a sociedade assiste a um monólogo do Executivo”, lastima o deputado gaúcho.

